

E-mail: arnaldo@oglobo.com.br

ARNALDO BLOCH

HINOS

Há quatro anos estudo música com Délia Fischer, não a porta-voz da Fifa, e sim a pianista, compositora, arranjadora. Se a verdadeira Délia Fischer fosse porta-voz da Fifa, os comunicados de imprensa seriam fugas de Bach ou baiões de Gismonti.

Mas sempre mexi com música. Estudei violão com meu primo Sérgio, um cabeludo.

— Milagre só se me provar — ele disse. A frase era um recurso mnemônico para decorar a afinação do violão (Mi-La-Re-Sol-Si-Mi). O que contribuiu não apenas para meu diletantismo musical, mas também para a formação de uma consciência agnóstica.

Depois Sérgio partiu para outra e veio um amigo dele, o Carlinhos, também cabeludo. Mostrei a ele uma música que havia composto. Eram quatro acordes em sequência repetida, idêntica à da harmonia da ponte vocal psicodélica, sem letra, que John Lennon faz depois que Paul termina a frase “Somebody spoke and I went into a dream”, em “Day in a life”. Minha “versão” era um cordel de um verso só:

“O bispo faliu pra padre/
e o padre pra sedutor.”

Eu não tinha mais que nove anos e, com o passar do tempo, descobriria que não era preciso fazer *downgrade* na estrutura hierárquica de nenhum sacerdócio para se tornar um sacro sedutor.

Carlinhos havia integrado a banda do Odair José e contou que o cara tocava com tanta força que em cada ensaio arrebentava uns 7 encordoamentos de violão. Havia uma bacia de cordas à disposição no estúdio.

Já no período pré-universitário estudei violão clássico com um Luís Felipe, que dava aulas numa salinha na escola Santa Rosa de Lima, ali pertinho do Estação Botafogo. Ele era baixo e tinha uma barba mosaica, os olhos sérios e uma grande doçura, mesmo sendo militante comunista nestas vésperas dos anos 1980.

Aprendi a ler partitura, toquei um pouco de Villa-Lobos e Leo Brouwer e estudei harmonia.

A esse tempo eu já fazia tentativas primárias de transferir acordes do violão para o piano, com os dedos todos errados. Daí saíram uns troços intuitivos que, anos depois, mostrei ao professor Silvio Merhy.

— Se você tivesse mais estudo não faria a harmonia desse jeito. Por outro lado, isso aí tem uma certa originalidade.

Silvio pôs os meus dedos no lugar. Depois migrei para outro Carlinhos, Fuchs, meu amigo do maternal (minha mãe, tempos idos, visitara a escola para saber por que eu era o “pele”).

— Ah, o Arnaldo até que é legal, mas ele é meio chatonildo — diagnosticou Carlinhos.

Ele desenvolveu minha capacidade de leitura e deixou brincar de impressionismo.

Depois disso muita água rolou. Faculdade,

banda de rock. Saxofone (com feras como Caucau, Nivaldo, Senise), mas perdi a embocadura.

O violão continuou na moita. A volta ao piano acadêmico com Délia me levou a de fato aprender a ler e a tocar com alguma técnica, através do Mikrokosmos de Bartók e de Bach.

Um dia Délia me aplicou num programa de computador, o Sibelius, que me permitiu compor de uma outra forma, sem instrumento, só as ideias, da cuca para a pauta, do sonho para a tela. Foi um salto, pois nunca tivera paciência para escrever partitura com lápis ou caneta.

Depois Délia me obrigou a tocar algumas das minhas próprias peças, para mostrar como eu estava maltratando os pianistas e outros instrumentistas, quando eu fazia loucuras para câmara ou orquestra sem ter em conta a anatomia.

Se a verdadeira Délia Fischer fosse porta-voz da Fifa, os comunicados de imprensa seriam fugas de Bach

Desenvolvi uma escrita mais limpa e solidária. Um dia, um hino-não-hino de Schumann me fez pensar no tema. Fui atrás da memória afetiva. Do “Hino à bandeira”, o mais belo, fiz três variações: uma “alegre”, outra pontuada e uma terceira exaltatória.

Depois, veio “Atikva”, hino de Israel, que me voltou com uma *vibe* de entrelaçamento temático em contraponto, feito no piano mesmo, e depois passado para a pauta digital.

O hino do Botafogo rendeu uma espécie de ragtime que não sei se conseguirei um dia tocar. Tenho ouvido a “Internacional Socialista”, estabelecendo paralelos com aquele hino das barricadas, dos “Miseráveis”, em medley. O “Hino Nacional” ainda me provoca uma certa preguiça. Não o acho feio, como o Xico Sá, que disse, certa vez, que é muito marcial. Xico, todos os hinos (inclusive dos colonizados), ainda mais de nações, são marciais. É um conceito da civilização cristã do Ocidente. Hinos que não sejam ocidentais são outras coisas. São orações modais hinduístas, evocações aborígenes, mantras em quartos de tom, gritos guturais. Exceção para o hinário de Igreja, que é modal.

De resto, o “Hino Nacional” tem uma blue note, coisa que não se encontra por aí em hinos dando muita sopa...

Ontem, no Maraca, assisti pela primeira vez a um hino ao vivo em Copa do Mundo. “Marselhesa”, um dos mais belos ápices de hinos da História (nos últimos compassos da segunda parte). Estou trabalhando também em hinos que não o são, na pegada de Schumann, como a melancólica vinheta de “Star Trek”, a da primeira temporada, e “Bandeira branca”. Porque um hino não é só um hino. É algo que nos transporta à glória e ao medo de existir, e dá coragem de resistir. ●

Samba-quadrinho

ADONIRAN INSPIRADOR

Livro ‘Quaisqualigundum’ conta a história de personagens cantados pelo compositor paulista

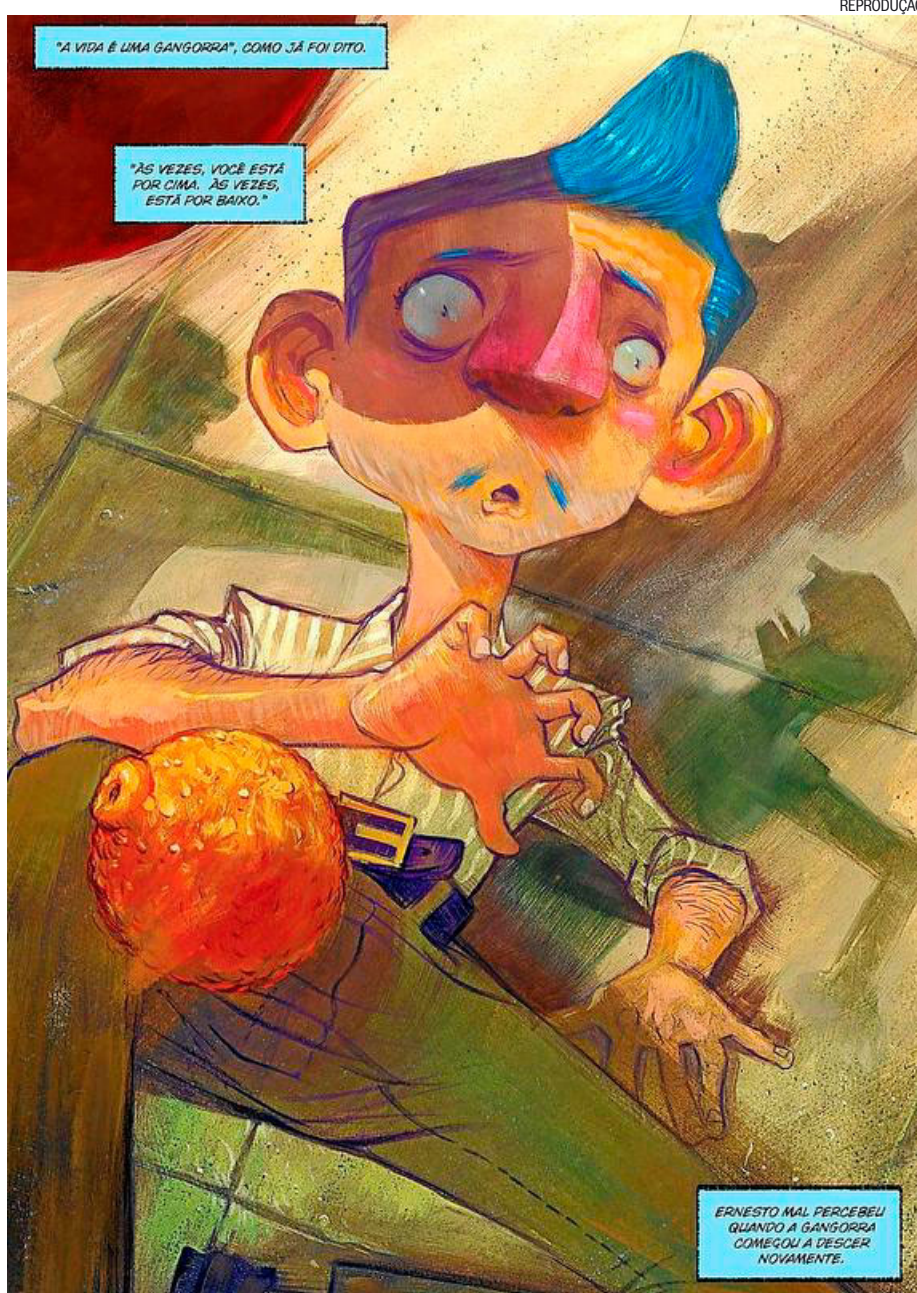
RAMON VITRAL
Especial para O GLOBO
segundocaderno@oglobo.com.br

O título da história em quadrinhos “Quaisqualigundum” é a referência mais explícita da obra à sua fonte de inspiração. Roteirizada por Roger Cruz e com arte de Davi Calil, o gibi é todo ambientado no universo das canções do compositor e cantor paulista Adoniran Barbosa. Além do nome, alusão ao refrão de “Trem das onze”, a obra é protagonizada por personagens de quatro músicas do sambista paulista morto em 1982, aos 72 anos. Os bairros da Mooca, do Brás e do Bixiga servem de pano de fundo ao enredo. Com suas 75 páginas pintadas com tinta guache e aquarela, a HQ estará à venda na internet a partir de 15 de julho, na loja virtual Ugra Press (ugrapress.webstorelw.com.br), e chega às livrarias no dia 20, por R\$ 45.

— Conheço as músicas do Adoniran desde criança. Elas faziam parte da programação de emissoras de rádio que minha mãe ouvia — lembra Cruz. — Por volta de 2009, ouvindo algumas músicas do Adoniran, comecei a pensar sobre os personagens citados, suas histórias e os locais onde viviam. As ideias começaram a surgir e escrevi a primeira história, baseada na música “Saudosa maloca”. Nela, imaginei quem teriam sido Eu, Mato Grosso e Joca, como se conheceram, como foram parar naquela maloca e o que aconteceu depois. Essa primeira história puxou as outras, e o projeto foi ganhando forma.

Conhecido pelos fãs de quadrinhos por seus desenhos para a editora Marvel Comics, em revistas de super-heróis como X-Men, Wolverine e Homem-Aranha, Cruz convidou Calil para fazer as ilustrações do projeto. No fim de 2012, “Quaisqualigundum” foi um dos cinco trabalhos beneficiados pelo Programa de Apoio Cultural do Estado de São Paulo (ProAC). Em contrapartida à verba de R\$ 40 mil para a produção da obra, a dupla vai doar 200 exemplares para bibliotecas públicas de São Paulo e comandar uma oficina gratuita de quadrinhos.

Além de “Saudosa maloca”, as outras músicas que inspiraram o álbum são “Apaga o fogo mané”, “Samba no Bixiga” e “Samba do Ernesto”. O enredo mistura tramas narradas nas canções, como a busca de Mané por sua mulher, Inez; uma briga generalizada no Bixiga; o saudosismo de quatro amigos por uma maloca; e o sumiço de Ernesto, anfitrião de um samba no Brás.



Bixiga, Brás e Mooca. A São Paulo de Adoniran é pano de fundo da HQ de Roger Cruz e Davi Calil

— O clima geral das histórias passa um tom dos anos 1970 e 80, mas a ideia é que sejam atemporais — diz Calil. — Pesquisamos muito na São Paulo de hoje os resquícios da cidade da época do Adoniran.

Há uma frase em que ele diz mais ou menos assim: “Esses dias eu fui procurar São Paulo e não achei. Cadê o Bixiga, o Brás, a Mooca? Andei, andei e não vi São Paulo, só vi concreto, asfalto e carros”. Parece que ele já tinha sentido os efeitos do “pogressio” desenfreado e desorganizado da capital.

Professor de pintura na Quanta Academia, em São Paulo, e um dos autores envolvidos na segunda leva de graphic novels da Mauricio de Sousa Produções, ele explica que optou por colorir a obra à mão em detrimento da tendência da colorização digital.

— Seria mais simples e bem mais barato se o trabalho fosse feito digital-

mente, mas queria passar pelo desafio de produzir um álbum inteiro com tinta. As nuances de cor, texturas do papel, marcas de pinceladas, manchas e os acidentes que ocorrem no meio do percurso fazem o esforço valer a pena.

Lançado com o selo do coletivo de quadrinistas paulistas Dead Hamster, o gibi tem texto introdutório do músico Emicida, fã de quadrinhos e do repertório de Adoniran. O pano de fundo suburbano das histórias lembra os contos ilustrados pelo americano Will Eisner em suas graphic novels ambientadas em Nova York.

— Para mim, São Paulo é, principalmente, esse monte de gente vinda de todos os cantos do país. Gente vivendo pequenos ou grandes dramas cotidianos como os que o Adoniran retratava nas músicas — analisa Cruz. ●

“QUAISQUALIGUNDUM”

Autores: Roger Cruz (roteiro) e Davi Calil (arte)
Editora: Dead Hamster
Quanto: R\$ 45



Julia Deccache. A atriz dá vida aos oito diferentes personagens da peça

UM PASSEIO CÊNICO POR CANÇÕES QUE FALAM DE MÚSICA

Monólogo estreia hoje no Dulcina e marca os 20 anos da Cia. Dramática de Comédia

DEBORA GHIVELDER
debora.ghivelder@oglobo.com.br

Todos nós temos uma trilha sonora da nossa vida. A seleção costuma reunir a música que marcou o primeiro beijo ou a viagem mochileira feita ao estilo *on the road*. Tem as canções escolhidas para embalar o choro, ou a dor de cotovelo. É esta a premissa — de que todos temos uma relação profunda com algumas canções — que ancora “Música no ar”, o novo espetáculo que a Cia. Dramática de Comédia estreia hoje, às 19h, no Teatro Dulcina. A produção coroa os 20 anos de estrada do grupo fundado em 1994 por João Batista (autor e diretor), Doris Rollemberg (cenógrafa), Renato Machado (iluminador), Mauro Leite (figurinista), e as atrizes Giselda Mauler e Sonia Praça. A temporada, de um mês, encerra também a ocupação do grupo por quatro meses no Teatro Dulcina, com o projeto “Veja a cena, ouça a canção”.

O espetáculo, com uma hora de duração, é uma espécie de fantasia musical. Sozinha em cena, a atriz e cantora Julia Deccache leva o monólogo com a ajuda de um trio formado pelos músicos Dudu Salinas (violão), Marcos Passos (clarineta) e Victor Ponce (percussão). Com uma estrutura fragmentada, Julia empresta corpo e voz a oito personagens que tiveram suas

trajetórias marcadas de alguma maneira pela música.

— Tem a história da mulher que se desestrutura ao ouvir determinada canção, da adolescente que sofria por não conseguir dançar, de uma outra que anotava todas as músicas que ouvia — conta o diretor do espetáculo, João Batista, que costura ao próprio texto trechos retirados de obras de autores como Mario de Andrade, Millôr Fernandes, Charles Bukowski e Mário Quintana.

— Eu me baseei em títulos como “Pequena história da música”, do Mario de Andrade, e “História da música ocidental”, de Donald Grout e Claude Palisca, entre outros — explica João.

POR TEMAS

Ao fim de cada depoimento, o espetáculo desemboca em uma canção. E todas elas falam, de alguma maneira, de música.

— Este foi o critério. Tem de Ernesto Nazareth (“Turbilhão de beijos”) a Madonna (“Music”), passando por Roberto Carlos (“Música suave”) — diz o diretor.

A lista, conta ele, inclui ainda títulos como “Música para ouvir”, de Arnaldo Antunes, “Divina é a música”, de Beth Carvalho, “Súplica”, de João Nogueira, e até “Cruisin”, de Smokey Robinson.

De “Súplica” nasceu o título da peça, retirado do verso “Venha a mim, ó, música, vem no ar”. ●

“MÚSICA NO AR”

Onde: Teatro Dulcina — Rua Alcindo Guanabara 17, Centro (2240-4879)
Quando: De hoje até 27 de julho. Qui a dom, às 19h
Quanto: R\$ 20
Classificação: Livre